

11 poemas de
Marleide Lins de Albuquerque

I

Se se seca
feito terra
que se quebra
por si só

Perde-se
a água pura
ligadura
ser-se: pó

II

Toda alma pesa
arquétipos ancestrais
Toda alma que a outra se apega
pesa mais

III

Quando assumida
a tristeza do olho
do boi
na gente
o caminho que resta
é o matadouro

IV

E se o amor se manifestar?
erguerei o que não se ergue
morrerei do que não se morre

E se o amor sucumbir?
hastearei no vazio
a bandeira do nada

V

O amor cotidiano
é um prender-se:
ancoradouro humano

Só a paixão por um triz
é semente do sonho:
alimento de toda raiz

VI

Língua gêmea

onda que se aveluda

invade a fremir a senda

Trazendo o que extrai da gruta

sente o sêmen da concavidade fêmea

serve-se no convexo da fruta

VII

Falo

versus

língua

Pinga orvalho

e orgasmo

finda

VIII

Paixão é pólen

passa a ventania

escapole

IX

É verão
ando andorinha
na multidão e sozinha

X

o começo eu não meço
não crendo em fim
– recomeço –

XI

Diferente do nó
é o laço
Se um causa dó
pois, corrente é apego
o outro é a liga do abraço

Marleide Lins de Albuquerque (São Paulo, 2 de março de 1961) encontra-se radicada em Teresina (Piauí) desde os anos 70. Poetisa e teatróloga, editora, produtora fonográfica e designer gráfico. Estudou Artes Visuais na Aliança Francesa. Publicou sua primeira obra, "Sub Vivo", em 1979. Nos anos seguintes, escreveu os livros "Sem Plano e Sem Piloto" (1985), "Oito Para Ela" (1992) e "Os Sinos que Dobravam em Silêncio"(1997), este último publicado também na Venezuela. O livro "Interno/Externo" (2002) chegou a ser lançado na Irlanda a convite da organização do Festival Internacional de Literatura daquele país. Seu trabalho mais recente, "Plexo Solar" (2010), possui edições publicadas em inglês, francês, espanhol e italiano, a convite da entidade internacional Villaggio Globale.